



Acta Scientiarum. Language and Culture

ISSN: 1983-4675

eduem@uem.br

Universidade Estadual de Maringá

Brasil

Ruiz Paradiso, Silvio

Nos livros só cabem os santos e os deuses

Acta Scientiarum. Language and Culture, vol. 31, núm. 1, 2009, pp. 111-112

Universidade Estadual de Maringá

.jpg, Brasil

Disponível em: <http://www.redalyc.org/articulo.oa?id=307426641015>

- Como citar este artigo
- Número completo
- Mais artigos
- Home da revista no Redalyc

redalyc.org

Sistema de Informação Científica

Rede de Revistas Científicas da América Latina, Caribe, Espanha e Portugal

Projeto acadêmico sem fins lucrativos desenvolvido no âmbito da iniciativa Acesso Aberto

Nos livros só cabem os santos e os deuses

COUTO, Mia. **O outro pé da sereia**. São Paulo: Cia. das Letras, 2006. 336 p. ISBN: 978-85-359-0842-8

Silvio Ruiz Paradiso

Universidade Estadual de Londrina, Rodovia Celso Garcia Cid, PR 445, Km 380, 86055-900, Londrina, Paraná, Brasil.
E-mail: silvinhoparadiso@yahoo.com.br

Religiosidade e pós-colonialismo são temas recorrentes na pós-modernidade, já que retomam questões acerca de identidade cultural. Propondo um romance histórico, *O outro pé da sereia* (2006), o escritor moçambicano Mia Couto faz um retrato imagético, alegórico e também crítico da Moçambique pós-moderna, a partir de questões étnicas, religiosas e identitárias.

Mia Couto é um profícuo e renomado escritor moçambicano, de relevo internacional. Antonio Emílio Leite Couto ganhou o nome **Mia** do irmãozinho que não conseguia dizer **Emílio**. Nasceu na Beira, a segunda maior cidade de Moçambique, em 1955. Além da Língua Portuguesa, sua língua materna, Couto também é fluente em Ndau e Inglês. Iniciou o curso de Medicina ao mesmo tempo que se enveredou em Jornalismo; foi diretor da Agência de Informação de Moçambique e, mais tarde, graduou-se em Biologia, profissão que exerce até hoje. Mia Couto viveu em meio à frente de libertação do seu país, de 1972 a 1975 (data da independência de Moçambique).

Tão convicto de sua identidade moçambicana, disse certa vez que não tinha uma **terra-mãe**, mas uma **água-mãe**, referindo-se à tendência de o país ficar inundado, pelo curso de água local. Assim como Guimarães Rosa, um inventor de palavras, o autor moçambicano revela, com influências do realismo mágico, essa sua paixão por Moçambique, o que o levou a ser o primeiro escritor africano a ganhar o Prêmio União Latina de Literaturas Românticas.

Dividido em 19 capítulos intitulados de forma a localizar o leitor temporalmente, expondo onde e quando os fatos foram ocorridos, *O outro pé da sereia* (2006) gira em torno de uma imagem católica que encanta e perturba a todos os que dela se aproximam.

Com dois momentos históricos, *O outro pé da sereia* mostra também dois grupos em busca da

verdade. Um, o jesuíta Gonçalo da Silveira parte de Goa, na Índia, em 1560, com a missão de revelar a verdade cristã ao imperador do Reino de Monomotapa, situado na região fronteira entre os atuais Zimbábue e Moçambique. Para tanto, concentra seu ideal em uma imagem de Nossa Senhora, a qual os escravos bantos da nau portuguesa chamam de Kianda, **uma deusa das águas**, e os moçambicanos tratam por Nzuzu, **a rainha das águas doces**.

Por conseguinte, há o segundo grupo, formado por um pastor, Zero Madzero, e sua mulher, Mwadia Malunga, que, 500 anos depois, encontram a imagem de Nossa Senhora nas margens de um rio da cidade chamada **Antigamente**. A partir da busca de um curandeiro local, Mwadia e Zero descobrem que correm grande perigo, por possuírem o espírito ancestral das águas na imagem, o qual é a chave para a busca identitária de Mwadia e seu povo. Ambos têm uma missão – encontrar um local para a santa, que estranhamente fora encontrada sem uma das pernas.

Entre a história de Mwadia, sua família, seu passado, como conhecera Zero Madzero e as incertezas culturais do escravo Nimi, que espera libertar Kianda, **presa** na imagem de Nossa Senhora, *O outro pé da sereia* revela de forma intercalada os passos do jesuíta cego pela conversão da colônia, do casal de pastores anulados culturalmente, do escravo Nimi Nsundi e de outros personagens como a indiana Dia Kumari, os afro-americanos Rosie e Benjamim, e o híbrido padre Manoel Antunes. Tal grupo de personagens expõe como uma embarcação e uma imagem católica podem tornar-se símbolos metonímicos de conflitos étnico-culturais, mostrando fenômenos como o sincretismo, a transculturação e a alteridade.

Com uma linguagem clara e multicultural, este romance é recomendado aos amantes de literatura africana, pós-colonialismo, aspectos religiosos e

cultura em geral. Publicado no Brasil pela Companhia das Letras, a mesma editora que publicara outros romances de Mia Couto, como: *Um rio chamado tempo, Uma casa chamada terra* (2003); *O último vôo do flamingo* (2005); *Terra sonâmbula* (2007) e *A varanda do Frangipani* (2007), *O outro pé da sereia* (2006) conquistou os prêmios Passo Fundo Zaffari & Bourbon de Literatura.

Assim, o décimo nono romance de Mia Couto revela poeticamente uma travessia entre passado e presente, entre Portugal e Moçambique, cuja imagem da **santa sereia**, concreta ou metafórica, é a imagem da intersecção multicultural tão forte dos

povos pós-coloniais – as relações de sincretismo religioso e choque cultural entre portugueses, indianos e africanos –, uma herança do legado português e africano bem conhecida e propagada por Mia Couto.

Received on May 31, 2008.

Accepted on August 11, 2008.

License information: This is an open-access article distributed under the terms of the Creative Commons Attribution License, which permits unrestricted use, distribution, and reproduction in any medium, provided the original work is properly cited.